Manuel Meixide Fernandes

POEMAS DO FIM DA TERRA

edições da terra

Onde a terra se acaba e o mar começa,

E onde Febo repousa no Oceano.

Os Lusíadas, Canto III. Luís de Camões

Um esforço total é uma vitória completa

Mohandas Gandhi

BY NC ND

ISBN 978-1979330381

edições da terra
Um selo editorial do Partido da Terra (PT)
http://www.partidodaterra.net
info@partidodaterra.net

Aos meus avós maternos, Guilherme Fernandes Troitinho e Jesusa Moure Francisco, meus mestres

Ao meu pai, sei que um dia verei de novo os teus olhos

À minha Moni e aos meus dous filhos, Roi e Artur, futuro vivo do nosso passado

PRÓLOGO

I

Este livro nasceu na primavera de 2015, a primeira vez que visitei a vila de Fisterra, e foi publicado graças à colaboração e ao voluntarismo das Edições da Terra. Antes de mais, quero agradecer a este coletivo o esforço empregue na publicação deste poemário, um trabalho altruísta e sem qualquer benefício económico. Muito obrigado e uma grande aperta para eles, nomeadamente para o Joám Evans, sempre lembrarei a sua grande generosidade.

Foi nesse lugar mágico da Costa da Morte, no silêncio da terra e do mar, uma noite de insónia. A maré começou a ditar-me o primeiro poema, *Praia Langosteira*. Perto dessa formosa praia eu tentava dormir, mas o rumor lene das ondas voltava, o apelo teimoso, a doce voz do Oceano na noite parecia balbuciar estranhas palavras. Como o canto das sereias que fascinou Ulisses, escutava hipnótico a melodia da água, obrigado a descobrir o significado oculto daquela música cativadora.

As vagas por fim falaram, após alouminhar o corpo da areia em cada húmida aperta, comecei a perceber a linguagem da espuma e das ondas. O Oceano cantava uma cantiga sem partitura, eram notas selvagens e livres, sem linhas de pentagrama, sílabas de um poema misterioso, onde todas regressavam a um centro único, a uma única ideia, a um único sentimento. As sereias de Ulisses tinham como alvo reter para sempre o herói grego, era um canto de amor doido o que manava das suas gorjas.

Aquele canto do Oceano também era um canto de amor, mas não o amor escravo do poema de Homero, aquele amor era de liberdade, abraço sem feitiço, amor livre e consciente, faca que corta os nós de todas as cordas. Agora compreendia que aquela voz do

Atlântico era a voz genuína da liberdade, da saudade, não apenas a voz de um pequeno mar, senão a imensa voz do grande Oceano, *onde a terra se acaba*, como dizia Camões.

A partir daquele dia comecei a compreender melhor do que nunca que a Galiza inteira era Fisterra, o Fim da Terra. Nesse intre nasceu o título do livro, *Poemas do Fim da Terra,* como um íman em que foram prendendo os seus versos. O País tornou-se o fio condutor do poemário, através das suas cinco partes: *Paisagens, Numa pátria certa chamada Chantada, Voltando a Compostela, Cantigas dos Carreiros Livres, e Dias e Noites no Fim da Terra.* E eu comecei a recuperar a confiança nele. Abandonei o veneno do pessimismo, e comecei a tirar a vergonha de pensar que tudo estava já perdido, que a desaparição e a perda da nossa cultura era um processo histórico inevitável. Se calhar ainda havia uma batalha em que lutar, e a poesia podia ser uma arma poderosa.

Para alguém de Chantada como eu, da Galiza interior, o Oceano é qualquer cousa longínqua e invisível, e só aparece de vez em quando, na época das férias, banhando docemente o nosso corpo. Nunca me tivera banhado antes nas águas profundas do seu respirar, no latejo íntimo do seu mexer constante. O *oceanus* tinha de ser para os romanos a imagem do desconhecido, misterioso e incomensurável, porta de mundos ou de abismos, de sereias ou de monstros. Roma não tinha poder sobre aquelas águas, livres e ameaçantes na sua exuberante soberania.

As ondas de Fisterra estavam a falar de liberdade, mas qual liberdade? Uma liberdade sem nome, a liberdade atual da globalização, da democracia moderna do século XXI? Ou uma liberdade real, onde os homens sejam donos da terra onde moram? A liberdade do colonialismo, ou a liberdade do povo, das gerações passadas para garantir o futuro das gerações que hão de vir? A maré de Fisterra falava de uma *liberdade galega*, de um nome concreto com uma história muito antiga, muito anterior à liberdade

de papel que hoje nos deram a globalização e o Reino de Espanha. Onde há liberdade real há verdade, e onde não existe a liberdade só podem morar a mentira e a violência, tornando-se lei.

Dizia o poeta brasileiro Drummond de Andrade que *dous e dous são sete até que a lei diga o contrário*. Os Galegos somos espanhóis, até que a lei diga o contrário. Mas a palavra *galego* não é suficiente para falarmos de uma cultura, de uma identidade e de uma personalidade única e diferenciada do resto? Por acaso é preciso acrescentar o termo *espanhol*, para além da evidente cidadania que ninguém pode negar? O objetivo quando se acrescenta a palavra mencionada acima, não é um esclarecimento jurídico, mas a vontade de anular a primeira identidade, a mais antiga, tornando-a dependente e vassala da segunda, a respeito da língua, das instituições políticas e jurídicas, da economia...

Goebbels dizia que uma mentira repetida *ad infinitum* pode tornar-se uma verdade, e o Estado-nação empregando a mentira pode fazer com que os Galegos nos tornemos espanhóis. Esta é a realidade do século XXI, na qual a espanholização e a desnaturalização da Galiza estão atingindo uns níveis intoleráveis, nomeadamente nas novas gerações.

Escravos da mentira e dos preconceitos, os Galegos abandonamos a nossa língua e a nossa identidade, adotando a identidade do Estado, Castela-Espanha. O risco de desaparição da Galiza como País ou como povo em longo prazo é real e inegável, tão real e inegável como a identidade espanhola que mora em muitos Galegos, e tão real e incontestável como a mentira que ameaça com extinguir a nossa identidade coletiva.

A Espanha sempre foi a Hispânia, a Península dos romanos, e nesse sentido empregou-se sempre. Por exemplo, na Galiza e Portugal na época dos trovadores, e mesmo em épocas posteriores, como o reinado dos Reis Católicos. Apenas no século XVIII começa

a identificação Castela = Espanha. A etimologia desvenda a verdade histórica, e se Castela usurpa o nome de Espanha, nomeadamente a partir da revolução liberal e do nascimento das províncias em 1833, não é possível falarmos de união.

Temos de ser rigorosos e empregar o termo ajeitado de tirania, semelhante à tirania que Júlio César tentou implementar na República de Roma. Na imposição não pode existir a união, apenas no *status de igualdade* ela pode morar. Se alguém está por cima do resto, e impõe a sua vontade, malogra uma hipotética união e corrompe a natureza mesma do sistema político. A união da Península Ibérica tem de estar alicerçada na liberdade, na soberania dos povos peninsulares. O resto é imperialismo.

A identidade espanhola moderna, rachando com a tradição anterior, ainda não cumpriu duzentos anos de vida. A identidade galega, se situamos a sua origem no esplendor do galego-português, no século XIII, tem mais de oitocentos anos de existência. Se a situamos no nascimento do Reino Suevo da Galiza, no século V após Jesus Cristo, tem mais de mil seis centos anos de vida. Ambas identidades ou nacionalidades são reais, mas apenas uma é legal. A outra hoje tem o nome ridículo de *Comunidad Autónoma de Galicia*, mais outro nome para a antiga região de Espanha. Se já não é possível voltarmos à velha Hispânia, temos no mínimo de respeitar todas as identidades, sempre voluntárias e baseadas na realidade, muito para além da legalidade obrigatória que impõe a cidadania.

Só temos de acrescentar que a identidade espanhola na Galiza, legítima e respeitável, não pode ser a mesma que mora em Madrid ou em Castela. No nosso País nasce no seio da contradição, de jeito conflituoso, como abandono histórico de outra identidade prévia e diferente.

Tinha muita razão Orwell quando imaginava na década de quarenta do século passado um mundo autómato e submisso, controlado polo Estado e a televisão, em que o pensamento era punido e perseguido. O mundo de Orwell incarnou-se de jeito ótimo na globalização e na tecnologia. Hoje o cárcere do Estado-nação medrou e tornou-se um mundo-nação, onde a única nacionalidade possível e permitida é a de submisso cidadão.

Se a maré de Fisterra falava certo, a Galiza, como encarnação da liberdade, teria de ficar fora da ditadura universal. Se a situação atual do nosso País não é irreversível e ainda podemos seguir a lutar pola nossa sobrevivência, o primeiro passo é um novo galeguismo do povo, baseado na comarca e no amor ao País, para além das ideologias, uma nova energia regaleguizadora, a unificar sem dogmatismos, incluindo a escolha da espiritualidade.

Um galeguismo em que o povo se tornar o seu próprio libertador, mudando de jeito radical as suas próprias condições de vida, materiais e espirituais. Capaz de criar relacionamentos igualitários e democráticos entre as pessoas, abolindo as estruturas hierárquicas e verticais patrão-empregado, cidadão-Estado. Por outras palavras, capaz de legislar em favor do bem comum, erradicando a lei da selva do capitalismo. O exemplo é sempre a luta do nosso povo durante a Francesada, a fidelidade à Galiza, rejeitando o apelo da coroa espanhola.

Se continuarmos com o galeguismo retórico, com Rosália de Castro e Castelão, morreremos com certeza. Cumpre reafirmarmos com orgulho a nossa identidade e a nossa história, mudando a nossa autoperceção e a nossa autoestima, cientes da grande beleza do nosso idioma, negada polo colonialismo, incluindo nela o carácter universal da nossa cultura mediante o reintegracionismo. Esforçando-nos polo cultivo de uma língua de qualidade, longe do castrapo e do espanhol, como ponto de partida para a procura de uma nova sociedade e de uma nova economia, em que *o poder*

popular, a democracia, for o seu eixo vital. O galego tem de se tornar a língua da liberdade.

Os Estados europeus atuais triunfaram despossuindo as comunidades nativas, destruindo a antiga democracia rural originada na Idade Média após a queda do Império Romano. O *progresso* da Revolução Industrial e liberal do século XIX foi o fortalecimento do Estado e a anulação do povo como sujeito político, banindo a participação política popular mediante eleições controladas polo aparelho estatal, e nas quais nada vai mudar, desenhadas para manterem a velha estrutura hierárquica *elites – povo*. A ditadura mais perfeita sob as roupagens de uma democracia formal.

Se hoje a liberdade dos povos e das comunidades é negada sob a ditadura da globalização, de um super-Estado, caso da UE na Europa, baseada na estrutura tirânica do Estado-nação, o desafio é implementar *a liberdade, a igualdade e a fraternidade* no mundo, por exemplo na Galiza. A antiga democracia rural, válida também para vilas e cidades. Se calhar nos velhos povos oprimidos, com a identidade submetida e negada polo Estado-nação, ainda .é possível iniciar uma revolução política baseada naquilo que é proibido, a identidade popular. Cumpre falar claro e dizer que esses nobres ideais mencionados acima não existem no sistema político atual, criado pola Revolução Francesa de 1789.

O sistema liberal, alicerçado no capitalismo, fortaleceu o Estado e na vez de liberdade criou tirania, na vez de igualdade hierarquia, e na vez de fraternidade individualismo. Na verdade, criou-se liberdade apenas na economia, igualdade nominal apenas perante a lei, e fraternidade apenas entre as elites e nas esferas do poder. Uma perversão de um lema universal, aplicável em toda a parte, realmente revolucionário. O novo sistema criou muita riqueza e tecnologia a partir da Revolução Industrial, mas em troca escravizou o povo como em nenhuma época histórica, anulando a sua participação pública e a sua capacidade legislativa, tornando o

cidadão simples mão de obra, preso nas cadeias da jornada de trabalho e do salário.

É só lembrar a figura atual do Valedor do Povo, herdeira da figura histórica da República Romana, o tribuno da plebe. O tribuno tinha uma ampla potestade, podia vetar as leis do Senado, era uma figura sacrossanta, protegida pola lei romana, e mesmo podia fazer propostas de lei ao próprio Senado. Era um verdadeiro contrapoder, uma arma das classes populares, criado para evitar os abusos da classe senatorial e patrícia. É bem sabido o que hoje é o Valedor do Povo, uma figura não vinculante, um grande escárnio para os cidadãos que pretende defender.

Na atualidade a classe senatorial das Câmaras do mundo pode fazer quanto quiser, aprovar leis imorais ou guerras devastadoras. Esse poder ilimitado e tirânico pertence à própria essência do sistema político parlamentar, para além de um partido político ou outro, por causa da perda íntegra da capacidade política e legisladora do povo, cedida às elites e ao Estado cada quatro anos.

A conclusão, que abala a ideia de progresso, é que há milhares de anos os cidadãos de Roma ou os de Atenas tinham mais direitos políticos do que hoje. Sempre se fala nos escravos da época, mas quase nunca na ampla participação política e cidadã que tinha na altura o povo. Já disse Gandhi no ano de 1910 que a democracia parlamentar era *o emblema da escravidão*.

Cumpre portanto a formulação de novas propostas políticas, num momento histórico em que os recursos espoliados desde a época da Revolução Industrial começam a diminuir, nomeadamente o petróleo. Esta escasseza de recursos básicos para o sistema, está a provocar uma crise económica mundial de longa duração, que ameaça no futuro com desencadear o colapso financeiro global.

Neste sentido, o Partido da Terra, nascido na Galiza, aponta como solução a recuperação da soberania popular e da velha democracia rural, os nossos concelhos abertos, herdeiros do cristianismo primitivo, rejeitando a tirania dos partidos políticos atuais, simples ferramentas para manter o *statu quo*. Este Partido propõe uma autêntica *revolução integral*, empregando a expressão de Rodrigo Mora no seu magnífico livro *La democracia y el triunfo del Estado*. Esta revolução integral, no nosso caso baseada no novo galeguismo, está alicerçada numa recuperação dos valores, numa axiologia que revitalize os valores tradicionais do mundo rural, nomeadamente a fraternidade e a ajuda mútua.

É de facto a passagem cara uma sociedade sem Estado, livre e autogerida, erradicando a estatolatria costumada. Se isto é ainda possível ou não, é na verdade um tema secundário. Ou temos uma sociedade livre, ou temos uma sociedade escrava, sob a ditadura férrea do Estado. Se a revolução não é possível, então só fica a ditadura perpétua, ou a espera até ao instante em que o governo estatal possa cair, caso isto acontecer.

II

Este livro está dedicado antes de mais aos meus avós maternos, Guilherme Fernandes Troitinho e Jesusa Moure Francisco, nascidos na comarca de Chantada, e por extensão à Galiza rural, à Galiza interior. Tive o privilégio de ter vivido com eles durante muitos anos, e considero-os os meus mestres. Eles conservavam os valores revolucionários mencionados acima, e a conexão com a natureza.

O meu avô nasceu no ano de 1922 no Paço dos Tangueiros, em Pousada de Chantada, uma casa grande de lavradio com fábrica de coiro, comprada polo seu avô José no ano de 1901. Com a fábrica de coiro já pechada, foi neno e homem labrego, ajudando o pai nas tarefas do campo. Tornou-se o herdeiro de dous irmãos, e

dedicou-se o resto da sua vida a trabalhar a terra e à venda do leite de duas ou três vacas. Faleceu no ano de 2007.

Falar da sua sabedoria não é fácil. Era um dicionário vivo de palavras, expressões e ditados. Sempre tinha o ditado ajeitado para cada ocasião, e a riqueza fonética e léxica do seu galego, para além dos espanholismos mais habituais, era inesgotável. Dotado de um grande senso de humor e de uma grande capacidade para contar contos e histórias, fazia rir facilmente o seu auditório. O riso, a alegria e a retranca jocosa eram os seus sinais de identidade.

Quanto à agricultura, o meu avô foi labrego, horticultor, viticultor e gandeiro. Muitas vezes o tenho visto inxertando árvores frutais de jeito prodigioso, fazendo rapidamente a meda do pão, ou matando e abrindo os porcos com mestria, em poucos segundos. Quando chegava o tempo da vendima, cada vide da ribeira era uma obra de arte. Aprendendo de um veterinário, era capaz de dar-lhe a volta ao bezerro dentro do útero, caso o parto sem ajuda não for possível. Finalmente, como albanel, retelhou sempre o seu próprio telhado.

Nas cortes do Paço dos Tangueiros dormiram muitos fugidos, durante o pós-guerra. Lá passavam a noite e logo iam-se embora. Hospitaleiro com todos, as portas da sua casa sempre estavam abertas, e nunca faltou a sua mão para ajudar o vizinho ou quem for.

A minha avó nasceu na freguesia chantadina de São Paio de Muradelhe em 1920. Os seus pais eram caseiros, e desde criança foi de casa em casa, até que um dia chegou de caseira a Pousada. Entre a casa dos caseiros de Pousada e a velha fábrica de coiro, foram-se conhecer e namoraram meus avós, sob o rumor contínuo dos paxaros. Quando casaram, ele tinha dezanove anos e ela vinte e um.

A minha avó botava as vacas, ia aos tojos, fazia tostas e torriscos, e cosia muito bem porque fora costureira. Ela trabalhou em Larsa, quando a empresa Larsa começava a medrar na vila de Chantada. Mas o mais salientável era a sua inteligência inata, uma inteligência profunda, e fazia o que todos os sábios fazem: perguntava. Estava a perguntar continuamente cousas a respeito de ciência, de história, de língua... Tinha uma curiosidade e uma ânsia de saber infinitas.

Também tinha esse dom infrequente que os franceses chamam de *savoir être*, ela nunca perdia a compostura. Este dom não se aprende indo à Universidade ou lendo livros, era um dom inato, uma elegância natural e contínua, uma prudência constante que ia nascer nesse aguçado intelecto, nesse raciocínio privilegiado.

Quando a minha avó falava, cumpria primeiro calar e escutá-la. Tudo quanto dizia vinha acompanhado de sólidos e humildes argumentos, e muitas vezes, só após reconhecer o erro, é que achávamos que voltava a ter razão. Ela quase nunca se enganava, a experiência e a inteligência uniam-se no seu cérebro, e a conta era sempre certa.

Cada vez que me dava um conselho, escutava aquelas palavras com veneração . Cada palavra era uma gota de sabedoria, e após ter posto em prática muitos dos seus conselhos, tenho de dizer que mais uma vez, ela não se enganava. Falando dos políticos, sempre dizia: *som-che todos iguais.* Desde o começo da suposta democracia espanhola em 1978, nunca foi votar, e faleceu no ano de 2008 sem ter pousado qualquer voto numa urna. Hoje partilho o seu ceticismo, louvo o seu raciocínio, e decato-me dos meus erros, quando achava que votando nos partidos tradicionais se podia mudar qualquer cousa.

Essa coerência revolucionária, admirável e exemplar, é a lúcida coerência que não têm muitos que se chamam de intelectuais, e não são mais do que novas peças do sistema. *Another brick in the wall*, cantava o grupo britânico Pink Floyd. A minha avó não era qualquer intelectual, mas empregava mais o intelecto do que muitos politólogos. Ou o intelecto serve para dizer a verdade, ou não é intelecto, é apenas adulação.

Dos meus avós aprendi o essencial: o amor ao País, à sua língua e à sua cultura, a viver com pouco para tornar-se muito. A importância do importante, os valores: humildade, esforço, amor, fraternidade, trabalho físico, respeito, pensar nas gerações futuras... A não importância do resto: dinheiro, riqueza material, posição social ou económica, convenções sociais... Se tracei uma pequena biografia deles, além da homenagem e do agarimo que merecem neste livro como mestres que me foram guiando até ao momento em que escrevo este prólogo, é para patentear e reivindicar a sua sabedoria e virtude.

Para reivindicar a sabedoria e virtude da cultura popular galega, desprezada de jeito miserável pola chegada do progresso, ao tempo em que a língua em que se exprimia. Ainda hoje presenciamos o desprezo do mundo rural, nomeadamente da Galiza interior, antigo espaço de liberdade, de igualdade e de fraternidade.

Lá já se tinha tornado real *in illo tempore* o lema que a Revolução Francesa nunca chegou a implementar, se calhar porque nunca teve o intuito de fazê-lo. Os ilustrados desprezaram com fanatismo aquela fonte antiga e venerável de sabedoria, e em troca perpetuaram a mentira que ousa afirmar que a cultura erudita é a única cultura, ou que é sempre superior à cultura popular, chamada com frequência superstição.

A cultura camponesa, baseada na tradição oral, foi a que criou o galego-português e as outras línguas românicas a partir do latim. Tendo como alicerces a natureza, a linguagem e a música, a civilização labrega e marinheira criou o idioma, preservou o meio natural, e inventou ou recriou os instrumentos musicais tradicionais, para além das regueifas, das artes de pesca e dos apeiros de lavrança, da medicina popular, do direito consuetudinário, dos moinhos de água, dos concelhos abertos, do artesanato, das cantigas e das danças populares, dos ditados, da arquitetura e da poesia popular... Sem escrever tradicionalmente uma só palavra, ela é o alfabeto e a base de toda cultura escrita ou erudita, salvo as línguas clássicas, para além de fonte de moralidade viva, não puramente teórica.

Entre todas as valiosas criações ou recriações do nosso povo, a mais preciosa é sem dúvida a democracia popular, a liberdade, da qual temos um formoso exemplo no Couto Misto, único na Europa. A liberdade, o mais grande valor humano, foi cultivado e preservado durante séculos polo povo, não por qualquer sábio ou filósofo, senão por simples camponeses. Aristóteles enganou-se quando disse que fora da *pólis*, do Estado, só podiam morar brutos ou deuses. Lá moraram homens livres, inteligentes e reais. Os preconceitos nunca foram cousa boa.

Ninguém pode pôr em dúvida o valor cultural das grandes obras literárias ou musicais, mas por que é que situamos o valor cultural do próprio povo de que fazemos parte, sempre por baixo daquelas? Já é tempo de fazer justiça e de tornar visível o enorme valor do povo galego como criador de cultura, ao mesmo nível que *Os Lusíadas* de Camões ou as *Sinfonias* de Beethoven. A nossa civilização camponesa, labrega e marinheira, deve ser a pedra mestra do novo galeguismo.

Quando comecei a escrever os poemas deste livro, ainda estava sob o efeito da inspiração que ficara em mim após ter escrito *O mundo nasce em Chantada*, poemário que nasceu na saudade da terra natal. Pouco a pouco, um patriotismo popular galego vindo das ondas do mar, uma consciência galega, imprescindível e urgente, foi ganhando espaço entre os novos versos, a necessidade de falar de uma pátria que esmorece, que cumpre erguer e dignificar, pola qual vale a pena seguir lutando. A afirmação plena da nossa identidade, do nosso passado e do nosso futuro.

A vontade de erguer-se, de lutar, de não render-se, a gorja que bota fora seu berro de dignidade, o guerreiro que ainda não está morto, erguendo-se valente do chão para voltar à batalha. A palavra galego foi-se tornando sinónimo de homem livre. Se fosse possível definir este livro em poucas palavras, ele é um grande poema contra a resignação, um canto de amor à pátria, mas também de luta para conservá-la. Batalhar pola liberdade, o outro nome da pátria, ainda que estivéssemos condenados à derrota certa. Com a arma da poesia na mão, com a força insubornável da linguagem, temos de deitar a nossa palavra ao vento.

Não podemos ficar mudos, a esconder a língua entre os lábios. A poesia com conteúdo e com emoção, como mensageira da verdade, é uma boa maneira de falarmos, de erguermo-nos e de continuarmos o combate. Estes poemas revoltam-se contra o sistema, e proclamam a nossa língua nos beiços das crianças, proclamam a vida e rejeitam a morte, proclamam a dignidade e rejeitam a submissão, penetram nas nossas contradições internas, encetam debates silenciados, e tentam mexer com as consciências.

O apelo é simples: *sermos galegos*, a normalidade e a verdade natural, derrubando a muralha do medo: uma vida plenamente galega, na língua, na política, na economia.... A conversão é para todos, mas também a dificuldade e o esforço para rejeitarmos o colonialismo. A razão está da nossa parte. A dialética

da realidade define a Galiza como pensamento e ideal, e o Estado-Espanha como cárcere do espírito.

Racharmos o silêncio é mesmo uma vitória, projetarmos um futuro é mesmo um sucesso, opormo-nos ao presente alienante é mesmo um grande passo. Prosseguirmos a luta é um milagre e um grande privilégio, não olhemos além disso. Como diz a comovedora letra de uma cantiga do Zeca Afonso que não conhecia, intitulada ***Fui à beira do mar***:

Fui à beira do mar

Ver o que lá havia

Ouvi uma voz cantar

Que ao longe me dizia

Ó cantador alegre

Que é da tua alegria

Tens tanto para andar

E a noite está tão fria

Desde então a lavrar

No meu peito a alegria

Ouço alguém a bradar

Aproveita que é dia.

Sentei-me a descansar

Enquanto amanhecia

Entre o céu e o mar

Uma proa rompia

Desde então a bater

No meu peito em segredo

Sinto uma voz dizer

Teima, teima sem medo

Teimemos sem medo, aproveita que é dia.

Setembro de 2017

Manuel Meixide

PAISAGENS

Praia Langosteira

No Fim da Terra

escutei a voz mágica do Atlântico.

Adeus à tirania!, berravam as ondas.

Agora só quero

a Nossa Terra e o Nosso Oceano.

Palavra de espuma

Nasceste Galego,

palavra de espuma.

Ouvido dos mares,

calado emissário.

Do corpo danado

mana a fonte do sangue,

mas o sangue é uma nau cara o infinito.

No Fim da Terra

brilha a espuma da liberdade,

no Oceano que te banha purifica-se o

sangue.

Condenado a navegar,

ouvido dos mares,

calado emissário.

Condenado a sangrar,

a sofrer o castigo.

A lei baixa seu chicote de pergaminhos

e tu não afastas,

em pé exclamas as vagas da viagem.

Condenado a navegar,

ouvido dos mares,

calado emissário

no País do Ocidente.

Nasceste Galego,

palavra de espuma.

Atrás dela

Quiçá na flor do tojo
foi-se pousar a borboleta.
E o branco e o amarelo
deram-se um abraço eterno.
O abraço eterno do verão.

Quiçá um dia o carvalho
alouminhou cos seus braços
as velhas polas da cerdeira,
um dia de cinza gris
caindo docemente do céu.

Quiçá foi uma velha lareira,
a pedra queimada co fume,
naquela casa de Nandulfe,
naquela pequena corte,
a corte das velhas matanças.

Quiçá foi o torrisco no lume,
o amor eterno da avó
pingando passeninhamente nas lapas.

Quiçá foi a janela do corredor,
o canto agónico do velho carro de bois,
achegando-se lentamente até ao palhar,
mostrando a imensa carrada d´ouro seco.

Quiçá foram as asas da andorinha,
a neve e a noite juntas,
beijando-se abertas e livres
diante dos olhos dum neno.

Quiçá foi a aira de Pousada,
o amplo paraíso da sombra
na cúpula azul do céu.

Quiçá na flor do tojo

foi-se pousar a borboleta,

e o branco e o amarelo

deram-se um abraço eterno.

O abraço eterno do verão.

Quiçá...

Só sei que a Galiza

anda atrás de mim,

e eu atrás dela.

O carvalho

A Susi Arca

Guerreiro silente,

raízes imóveis no lume da terra,

sustendo nas polas o peso do céu.

Lombo ergueito

que olha a estrela,

âncora banhada no quente

poço da lentura.

Guerreiro silente,

não mexe o valente

granito feito de musgo.

Coa mão molhada no silêncio

colhe a estrela e aumenta-a

na vaga profunda da luz,

por baixo do ouro das pedras.

Desfaz-se o templo do medo,
tombam as ruínas de palha
diante dos húmidos raios
do valente granito.

Raízes húmidas
no lume da terra,
sustendo nas polas
o peso do céu.

Guerreiro silente,
não mexe o valente
granito feito de musgo.

Barqueiro de Rianjo

Era o crepitar da luz, navegando no mar da manhã, no final daquela rua que descia cara o infinito. Era sempre a barca desenhada coa memória, e a viagem infinda nas vagas calmas alumiadas, a viagem interminável abrindo o fio virgem das águas, cortando o espelho calmo e denso. Era sempre aquele crepitar da luz, caminhando pela vila de Rianjo.

Namorada do Courel

Aqueles soutos,

aquelas sombras gigantes

cobrindo a terra com beijos.

Onde só entrava

um raio de sol sacrílego,

violando o reino aprazível

co seu hálito de luz.

Então sentei

ao pé da árvore,

ao pé do grande castinheiro,

e calei.

Envolto nas sombras

e nas polas,

cheirei o silêncio absoluto,

nem sequer um paxaro se ouvia,

nem sequer uma folha mexia.

O raio de luz

foi-se embora,

e eu fiquei na sombra,

no paraíso pechado,

sentindo os beijos profundos

daquela namorada.

Carvalheira de inverno na Estrada

Guerreiros silentes,
musgo cálido fervendo
em verdes fontes.

Fervendo em verdes fontes
incessantes, líquido sagrado
dos cálices das polas,
descendo dos antigos rios
até unirem-se no val´.

Ergueito o musgo
abraça a fada benéfica das gotas,
envolta em roupagens de vento,
tocando a harpa patriótica da chuva.

A irmandade guerreira
navega perdida no mar celeste,
onde a terra e as nuvens
se beijam loucamente.

Na negrura do abismo

as fontes verdes chapinham antigas luzes,

sinais poderosos que obrigam os mastros

a pairar sobre as sombras,

madeira indomável aquietada no musgo.

Musgo cálido

fervendo em verdes fontes.

Pés na areia

Deixa as pegadas na areia, o moço pescador. Na beira da água, a sua barca aguarda. Pés descalços numa barca pequena, rumo às vagas do Oceano.

No Eirado da Lenha

Quando em Ponte-Vedra

cantava o cuco

No Eirado da Lenha

sentada esperava.

E o cuco cantava.

E o cuco cantava.

No Eirado da Lenha

o feixe pousava.

E o cuco cantava.

E o cuco cantava.

No Eirado da Lenha

sentada esperava,

polos olhos dum rapaz

que nos meus reparara.

No Eirado da Lenha

o feixe pousava.

E o cuco cantava.

E o cuco cantava.

Soutos de Castro Caldelas

Pano azul esfianhado,
gigantes correm os soutos.

Não cansam os castinheiros,
longa viagem das polas.

Rasgam carreiros de mar,
modelam estátuas de vento.

Seus troncos duras moedas,
ouro nasce nas suas ramas.

Gigantes correm os soutos,
donos da cor do céu.

Mar do Ferrol

Fitava aquelas ondas,
arabescos encristados.

Belas túnicas brancas,
levade-me ao pé dos vales.

Minha alma só navega
polos carreiros profundos,
entre prados e valados,
até às ribeiras do Minho.

Levade-me ao pé do Faro,
onde renasce a terra.

Do cimo quero escutar
as vozes dondas dos paxaros,
as cordas do trovador
que morava lá em Requeixo.

Minha alma só navega

polos carreiros profundos,

entre prados e valados,

até às ribeiras do Minho.

Praça do galego

Numa praça de Ginzo de Límia

Palavras chegavam na praça,

palavras para demolir os cárceres.

Força das gargantas que faz

refulgir o sol no meio dos muros,

luz que dissolve as trevas e as pedras.

Nem uma palavra presa chegava,

assembleia poderosa das gargantas.

Luz que dissolve as trevas e as pedras.

Luz da gorja dos avós.

Luz do novo dia.

Faro de Hércules

Ao Ernesto Vázquez Souza

O sinal da luz

entre as trevas.

Carreiro na noite

sustendo o naufrágio.

Rochas profundas

no centro do abismo.

Luz que não cessa,

fúria do Oceano.

Carreiro na noite

sustendo o naufrágio.

Faro perdido na pátria,

vagas na quilha dum barco.

Verão com estrelas em São João de Rio

Nasciam as estrelas,

num escuro campo.

Aroma das flores

à beira do Caminho Lácteo.

Na montanha ao pé do rio,

nasciam na noite margaridas.

Estrelas sem fim

à beira da brisa branca.

Foucinhos

Foucinho me deste,

pra cortar umas silvas.

Também antes

cortava o druida coa fouce

na carvalheira sagrada.

Cortando ele olhava:

Nascem carvalhos na terra

Correm as folhas

polas águas dum regato

Volta à noite a fouce

à sua aldeia,

perto do templo das polas.

Lá moram homens livres,

prendendo o lume nas estrelas.

Passagem da vida,

no paraíso da Terra.

A resposta está perto.

Foucinho me deu

minha avó no carreiro.

A resposta está perto,

caminhando na noite.

Soidade

Escutaram as montanhas,
ao pé da água do rio,
as cordas do trovador
chamando por meu amigo.

Ai Deus se verrá cedo!

Passaram as nuvens brancas
polo carreiro do céu,
cantaram carros de bois
as suas cantigas de verão.

Ai Deus se verrá cedo!

Voaram as andorinhas,
por riba de brandos valados,
falaram doces cigarras
entre as escadas da brisa.

Ai Deus se verrá cedo!

Borbulharam as correntes
polas beiras do regato,
entre as frescas ervas verdes,
molhadas ervas do prado.

Ai Deus se verrá cedo!

Fugiram as pombas brancas,
do telhado do celeiro,
esbararam grãos de milho
polos cabelos do vento.

Ai Deus se verrá cedo!

Ergueram-se as galhetas,
levando em seus galhos
os fios de ouro,
as bodas do sol coa terra.

Ai Deus se verrá cedo!

Mexeram-se as folhas
nas polas do carvalho,
caminharam as sombras
entre a luz e o espaço.

Ai Deus e u é!

Chegaram abesouros
ao cálice da rosa,
libando na sua flauta
a música das gotas.

Ai Deus e u é!

Cantaram grilos
ao chegar a noite,
enviou o luar
mensageiros celestes.

Ai Deus e u é!

Voaram os morcegos,
nas voltas das estrelas,
estendendo as suas asas:
dançam borboletas pretas.

Ai Deus e u é!

Ladraram os cães
entre os palheiros da aira,
correu a água na fonte
molhando o corpo das trevas.

Ai Deus e u é!

Soaram na lareira
passos do meu amigo,
de quem hei soidade,
quem andou comigo.

NUMA PÁTRIA CERTA CHAMADA CHANTADA

CANTIGAS DE POUSADA

Natal

Caem as estrelas no velho curral, esparegem a sua luz entre as cortes, enquanto a vaca dorme no leito novo de palha. A primeira estrela entra por baixo da porta, e bica a testa da vaca dormida. A segunda estrela entra por baixo das telhas, e alouminha o lombo da bezerra. A terceira estrela fica fora, muito perto, a alumear o caminho dos pastores. Caem as estrelas no velho curral, esparegem a sua luz entre as cortes.

Abre-se a terra

Abre o arado a terra, mostra a negra boca imensa. A luz escura cega os meus olhos. Essa luz vem dum profundo abismo, onde a água bica o lume, onde o ar abraça as pedras, onde a terra oferece à água, ao lume, ao ar, o leite dos seus peitos. É um abismo de amor o que cega os meus olhos, o abismo no que se abrem as pétalas da flor.

Duas velhas pereiras

À Chicha, minha madrinha

Elas viram correr as raparigas, num sol-pôr de julho. Elas viram a terra aberta pelo arado, elas viram a dança das borboletas, as asas abertas das andorinhas, o saltão voando entre as ervas. Elas viram cair o orvalho de dezembro, sentiram a giada nas pedras do caminho, viram o nascer lento e pausado da margarida. Elas viram as formigas entrar no formigueiro, comer as pegas nos grãos de milho, o violento carreiro de luz do lôstrego no meio da noite, elas sentiram o zoar do vento no bico do pardal, elas viram a neve de janeiro cobrindo o valado. Elas viram a nena no ferrado, elas viram caindo as gotas de suor, viram as galhetas levantadas coa erva darredor. Elas viram nuvens e céus, estrelas e planetas. Elas viram o rosto do sol e o corpo da lua, elas viram as palavras dos paxaros. Elas viram e viram e viram.... Aquelas raparigas viram correr os seus netos, num sol-pôr de julho.

Acha que arde

Por riba das telhas dançam as gotas da água, molham-se os dedos do vento. Escutam-se as cordas da velha harpa, o artista é um paxaro veloz. Nos dedos do harpista eu ascendo, na névoa mesta da cinza eu me elevo, molhado e sorrindo, coas asas pesadas. Viajo mudando bruscamente a rota, sou um raio feito de muitos raios. Banho-me feliz no meio da chuva, os rios escorrem pelo meu corpo namorado, enquanto os meus olhos percorrem a acha no meio do lume calmo.

Coro dos paxaros

Aos meus avós maternos,

o Guilherme e a Jesusa de Pousada

Fazias rir às pedras,

levavas paxaros à escola.

Um dia naquela pola

viste vagando dous olhos.

Eram os olhos dela

dentro já dos teus olhos.

E andando aos paxaros fostes

pelos carreiros secretos.

Sob o céu da primavera,

fostes procurar os ninhos.

A tua mão já na mão dela,

chegaram os primeiros bicos.

Namoram as nuvens co sol,

namoram as flores coa borboleta.

Vós também namorastes,

entre o rumor dos paxaros.

O lar

Aquil tintinar no caldeiro,
da pingueira do inverno,
aquil tintinar que vinha
escorrendo polas telhas.

Aquela música sagrada,
aquela liberdade intensa,
aquela casa de aldeia
banhada na água das nuvens.

Aquil tintinar no caldeiro,
aquil lar perfeito,
construído coas pedras da Verdade,
retelhado coas telhas da alegria,
selado co cimento do suor.

Esse será sempre o meu lar,
o lar perfeito do Amor.

Cada grão

Coa espiga na mão,
e o caldeiro no chão,
debulho cada grão
com estes meus dedos.

Debulhando no milho
passam as minhas horas,
debulhando no milho
passa o meu tempo.

Cada grão no caldeiro
eleva meu pensamento.

Cada grão no caldeiro
torna feliz o meu ser.

Cada espiga baleira
é uma dança da alma.

Coa espiga na mão,

e o caldeiro no chão,

debulho cada grão

com estes meus dedos.

Ao pé do hôrreo

Olhando o céu nevoento,
sentindo o orvalho no cabelo,
coa pola da nogueira perto,
mejo no antigo santuário.

Sentindo a liberdade no peito,
mejo prazenteiro ao pé do hôrreo,
falo co cão, meu companheiro.

Indo à erva

Indo à erva aprendi a caminhar polo céu, por esse carreiro azul e infinito. Aprendi a pousar os pés nesse mar imenso e baleiro, aprendi a suster o corpo no subtil pó azulado, caminhando para a frente, rodeado dum manancial contínuo que provinha de toda a parte, borbulhando docemente em pequenas espirais azuis. Indo à erva aprendi a caminhar para o horizonte, suspendido no silêncio ilimitado.

Na cuba

Ao Suso Sobrado

Fora naquela janela

uma nuvem bicava o céu.

Dentro a escova

esfregava a madeira.

Era um círculo perfeito,

útero quente do vinho.

Eu esfregava com força,

aquelas paredes vivas.

Ajoelhado rezava

a oração da vendima.

Rasca bem!,

dizia-me o avô.

Fora naquela janela

uma nuvem branca

bicava o céu.

Fonte sem mácula

As vacas pararam ao pé da fonte, e no fio do pequeno estanque pousaram as bocas e beberam. Enquanto sorviam suavemente, o fio da água ficou sem mácula. A água acarinhava o focinho, e o focinho acarinhava a água. Aquele delicado som fundia-se no ar, falava a linguagem das árvores, conhecia o segredo das fontes. E o fio da água ficou sem mácula quando as vacas ergueram o pescoço, a pingarem o mistério das suas bocas.

Voando

Não havia quartos

para mandar tocar um cego.

Duas vacas na corte

e pingueiras na casa.

Mas havia

um paxarinho *voandeiro*

voando todos os dias

nos lábios do meu avô.

Paxarinho voandeiro,

escutava cantar.

Só fazia falta

escutar um paxaro

para pôr-se a cantar.

Só fazia falta

escutar meu avô

para pôr-se a voar.

Duas vacas na corte

e pingueiras na casa.

Não havia quartos

para mandar tocar um cego.

Doce muinheira

In memoriam Guilherme

Fernandes Troitinho,

meu avô materno

Fazias rir às pedras,

mestre de palavras e de risos.

Poeta das flores, dos sapos,

das cobras e das pintas,

poeta das borboletas.

A língua galega era tua,

na tua boca falava a Galiza,

dos teus lábios brotavam as rosas,

água que escorre polas telhas,

neve que cobre os valados,

carro que canta nos prados,

canto do cuco cantando.

Poeta da alegria,
das pingueiras no caldeiro,
eras feliz com bem pouco
e tornavas felizes os outros.

Poeta das flores, dos sapos,
das cobras e das pintas,
poeta das borboletas.

Poeta da alegria,
fazias rir às pedras,
mestre de palavras e de risos.

E as pedras dançavam
a tua doce muinheira.

Auga pura

In memoriam Jesusa

Moure Francisco,

minha avó materna

Na procura da auga pura
andavam os teus lábios.

Só bebias as gotas do rocio,
e algumas gotas das nuvens
pousadas nalguma folha.

Quando tinhas que ir aos tojos,
nunca os tojos te picavam.

Quando botavas as vacas,
as vacas contigo estavam.

Na procura da auga pura
andavam os teus lábios.

Por isso as palavras tuas
eram sede da Verdade,
eram gorja da alegria.

Por isso quando calavas
calavam todos contigo,
por isso quando falavas
era o silêncio divino.

Mel sem abelhas
pra os ouvidos,
doce voz que não fende no vento,
rio transparente
onde o rosto estremece.

Na procura da auga pura
andam meus lábios agora.

Na procura dessa auga
ando nos dias e nas noites.

Arredor dum penedo

Numa velha aira corto os molhos, estendo as espigas, engolidas por uma máquina. Sei que por trás de mim, algum dia voavam os malhos. Nesse penedo ao pé do carvalho os homens malhavam. As vozes uniam-se, pousavam-se o presunto e o queijo. Só espero pelo momento no que comermos juntos, o momento das almas unidas. O rebúmbio cessa, logo chegam o presunto e o queijo ao velho penedo. Um penedo imortal numa velha aira, ao pé dum carvalho.

1901

À minha irmã

Numa corte dos porcos,
por baixo do corredor.

Numa corte dos porcos,
por baixo duma lareira.

No Paço dos Tangueiros,
numa casa de aldeia.

Numa corte dos porcos,
entre as espessas trevas,
quem caminhava
na casa do trisavô?

Numa corte dos porcos
alguém baleirava,
a lareira estalava
e o fume corria.

No Paço dos Tangueiros,

numa casa de aldeia,

numa fábrica de coiro.

Numa corte dos porcos,

por baixo do corredor,

por baixo duma lareira,

numa casa de Chantada,

no ano de mil novecentos e um.

Morcegos da noite

Voavam morcegos no escuro curral,

e num corredor uma lâmpada ardia.

As sombras da noite andavam inquietas,

trespassadas por um círculo húmido.

Mensagens ocultas da noite que chegam,

mensagens secretas tornando a voar.

Cala o morcego na noite calada,

cala o morcego que sabe falar.

Em seus lábios invisíveis

leva as palavras ignotas.

Palavras na língua muda da noite,

ecos doutros ecos

onde caminham homens e lobos,

onde se unem as águas do tempo.

Na esfolha

Éramos mãos navegando,
num mar de espigas silencioso,
turbado pelo crepitar do vento no milho.

Entre as folhas queimadas pelo sol,
entre as pétalas amarelas,
nasciam os duros grãos.

Éramos mãos navegando,
sustendo maduros remos,
dobrando as costas na terra,
molhando os braços no tempo.

Num mar de espigas silencioso,
turbado pelo crepitar do vento no milho.

No milagre

Cantavam os grilos no Paço dos Tangueiros,
cantavam os grilos uma noite de verão.
A sua cantiga cantava a cigarra,
entretecida na luz do luar.

As estrelas no espaço celeste,
enviavam seus raios à terra da aira.

Cantavam os grilos no Paço dos Tangueiros,
cantavam os grilos uma noite de verão.
A sua cantiga cantava a cigarra,
entretecida na luz do luar.

As estrelas no espaço celeste,
enviavam seus raios à terra da aira.
E lá um homem de pé estava,
no milagre profundo da noite.

Vozes

Ai Manuel!

Andava uma voz,

uma voz andava.

Ai Manuel!

Uma voz andava,

andava uma voz.

Voz formosa dos avós.

Voz das encomendas.

Voz sem areia,

banhada na água do vento.

Voz da minha voz.

Ai Manuel!

Andava uma voz,

uma voz andava.

Sorriso na névoa

O avô está sentado,
sem medo do fume,
atendendo no lume.

Eu abri a porta,
e o fume chegou
aos meus olhos.

O avô está sentado,
entre a névoa densa.

Rimos os dous,
falando poemas.

Arde um carolo
sem pressa,
mexem-se os chouriços
pendurados.

Eu pechei a porta,

e o ar curou

os meus olhos.

O avô fica sentado,

sem medo do fume,

atendendo no lume,

sorrindo-lhe à névoa.

Dedos no sal

Meus dedos no sal,

cobrindo a matança.

Na gema dos dedos,

brilham os séculos.

Palavras que voltam,

salgadas no tempo.

Avós dos avós,

pra os beijos dos netos.

Brilham os séculos

na gema dos dedos.

Noite e dia

Ao Laureano

Nas trevas da corte,
a picanha mexia-se.

Numa carreta velha,
viajando por um carreiro,
carreja esterco o Manuel,
da corte para a moreia.

Limpa a corte meu avô,
na roda duma carreta.

Da noite fomos ao dia,
carreja Manuel, carreja!
Arrinca picanha, arrinca!
Da noite fomos ao dia.

Patacas

Apanhava-as no meio do rego,

maná profundo da terra.

Logo se enchia o pequeno caldeiro.

Baixavam os lombos,

medravam as sacas.

Lá por baixo do ar e da água,

a planta mantinha o seu fruto,

pronto para as mãos dos homens.

A fame no ventre,

move os arados.

Apanhava-as no meio do rego,

maná profundo da terra.

Milagre nas palhas

A cabeça no burato,
respirando o novo dia.

O pescoço já escorrega,
e uns grandes olhos brilham.

Entre as palhas duma corte,
nasce o milagre da vida,
ergue-se vivo o mistério.

Não nascem bezerros
nos grandes palácios.

Eles nascem
no silêncio da aldeia,
entre amor de camponeses.

Só os olhos humildes

podem ver os milagres,

o corpo emergindo do corpo,

as quatro patas ergueitas.

Nesta velha casa de matança,

por baixo do meu quarto,

entre as palhas duma corte,

nasce o milagre da vida,

ergue-se vivo o mistério.

Pousada

À minha mãe

É só pensar no teu nome,
e os paxaros cantam à minha beira,
entre cerdeiras e mimosas.

Voam as vaca-louras
entre as polas dum carvalho,
viram os taravelos nas cortes,
abre-se a porta dum celeiro,
dormem os palheiros numa aira.

É só pensar no teu nome,
e a sombra do verão aparece,
aparece a noite coas estrelas.

Cantam os grilos velhas cantigas,
namora a terra coa lua,
filha branca do luar.

É só pensar no teu nome,
e o cheiro das rosas regressa,
entre as janelas e as pedras.

Mexem as asas borboletas,
entre pétalas de margaridas,
perfume dos seios da primavera.

É só pensar no teu nome,
e voltam as vozes dos avós,
o eco sagrado das horas.

Corre o neno no carreiro,
entre o aroma das mimosas.

É só pensar no teu nome,
e a liberdade torna-se pátria.

OUTRAS CANTIGAS

Cruzei-te, Minho

Cruzei-te um dia de verão,
um dia no que o sol baixou as tuas águas,
cruzei o abismo feroz
que me afastava do teu corpo.

Nadei sem medo
na profunda corrente húmida,
debuxei valente a passagem
na rude força contrária,
sustive o teu ímpeto louco
nas colunas do meu peito.

Cheguei à tua outra beira,
um dia no que o sol baixou as tuas águas,
toquei a rocha afastada
que esperava pola minha mão.

Cruzei-te, Minho,

um dia no que o sol baixou as tuas águas,

abracei por fim o teu corpo imenso.

Nadei sem medo

na profunda corrente húmida,

debuxei valente a passagem

na rude força contrária,

sustive o teu ímpeto louco

nas colunas do meu peito.

Longe da terra

À minha terra,

a comarca de Chantada

Traço-te na alma,

debuxando a água azul que te banha,

molhando-te num silêncio profundo.

Traço a altura da montanha

desde as romarias da infância,

onde o ar mágico fala.

Traço-te virgem, calada e majestosa,

reinando silenciosa em cada carvalheira.

Traço aquela barca afundida

na entranha do Minho,

sombra perdida na sombra do rio,

sem muras e sem ribeira.

Traço-te num paraíso verde,

rodeado de vacas e de regatos,

onde os carreiros docemente caminham,

onde os valados docemente se pousam.

Traço-te nas silvas,

livre e soberana, comendo nas amoras.

Traço-te na pedra das igrejas,

na humilde pia dum peto de ânimas.

Traço-te grandiosa e fértil,

cantando fecunda polos vales,

grávida de milho,

malhando no trigo,

mãe de castanhas e de nozes.

Traço-te na cepa retorta,

pequena fonte sagrada

donde mana o vinho.

Traço-te na rua que baixa ao Asma,
por uma escada de pedra
lavrada em milhares de pedras.

Traço-te nas rosas de Pousada,
nas nuvens brancas de Belesar.

Traço-te nos prados de Viana,
no horizonte de Quintela,
nas encostas de Requeixo,
nos ciprestes do Convento,
nos telhados de Nogueira.

Traço-te na alma, Chantada,
debuxando a água azul que te banha,
molhando-te num silêncio profundo.

Longe das silvas

Lembro um corpo
com luzes acesas.

Lembro palavras
em euscara.

Era numa escola de Bilbo,
num bairro basco-galaico,
longe das carvalheiras,
respirando o fume das fábricas,
olhando o pálido rio.

Era muito longe de Chantada,
muito longe duma aira,
muito longe dumas silvas
rabunhando numa cara.

Era muito longe pra correr,
era muito longe dum carreiro
feito para os meus pés.

Longe dum lugar
onde estavam dous avós,
onde um bisavô esperava
num velho corredor.

Longe daquela cozinha
onde um bisavô ensinava
a pronunciar bem as palavras.

Muito longe dumas silvas
rabunhando numa cara.

De Bilbau a Chantada

Aira é o paraíso,

inferno fume foi.

Solene carvalho,

silêncio e palavra.

Cantiga das ervas,

perfume da terra.

Templo na nuvem,

cruz do celeiro.

Aira é o paraíso,

paraíso dos homens.

Na festa

Aqueles carvalhos,

e o cheiro do polvo enchendo os buratos.

Dançavam as sombras,

a dança dos pais procuravam os olhos.

A música sobe ao andar das estrelas;

tapete das ervas, presas na terra.

Ao pé dos carvalhos dançavam as sombras,

prendida lareira onde aquecer os corpos.

A dança dos pais

procuravam os olhos.

II

Il baixava os escairos,

e as nuvens baixavam às águas.

Il baixava as muras,

e o sol baixava onda as cepas.

Il remava na barca,

libertando a ribeira.

Mãos na erva

Tinha na minha mão
uma mão ajoelhada.
Na erva verde do Faro.

Tinha na minha mão
uma mão oferecida.
Na erva branda do Faro.

Na erva verde do Faro,
a mão da minha avó
tinha na minha mão,
na erva verde do Faro.

Na erva branda do Faro,
a mão da minha mãe
tinha na minha mão,
na erva branda do Faro.

Rebúmbio da ribeira

Ao Xavier Viana

Tintinam chocas pesadas,

correndo pola ribeira.

Enche a vila de Chantada,

o velho rebúmbio do Entroido.

Não há distância nos pés,

não há peso no corpo.

Nada pode apagar

a música dos chocalhos.

Música do rebúmbio,

enchendo o falso silêncio.

Não há distância nos pés,

não há peso no corpo.

Nada pode apagar

a música dos chocalhos.

Joám de Requeixo

Cantaste mais livre

do que eu.

Muito mais livre.

Sem estradas

e sem carros,

só coas cordas dum laúde,

alá nas terras do Faro.

Cantaste mais livre

do que eu.

Muito mais livre.

Sem dinheiro

em qualquer banco,

só coas cordas dum laúde,

alá nas terras do Faro.

Cantaste mais livre

do que eu.

Muito mais livre.

Entre o povo da soidade,

entre o coro dos paxaros.

Cantaste mais livre

do que eu.

Muito mais livre.

VOLTANDO A COMPOSTELA

Noite eterna

O lume na água,

nas bágoas do céu.

Não se apaga

a chama da noite

nas lágrimas húmidas.

Noite eterna

no espelho das pedras.

Noite eterna.

Espada da catedral

A tua espada entra no céu,
abrindo a teia das nuvens.

Caem as gotas de prata,
caem as gotas pelos buratos de cinza,
brilhando no ar como estrelas minúsculas.

Alouminham
os raios abertos o rosto das pedras,
quentam cos seus cabelos húmidos
as frias meixelas.

Caem as gotas de prata,
caem as gotas pelos buratos de cinza,
brilhando no ar como estrelas minúsculas.

O vento mexe as ondas do lago pétreo,
crepitam os raios de luz e de sombra.

Caem as gotas de prata,

caem as gotas pelos buratos de cinza,

brilhando no ar como estrelas minúsculas.

A tua espada entra no céu,

abrindo a teia das nuvens.

Passeio da Alameda

A Maca Arca

Carvalhos enlaçados

enlaçam os passos.

Carvalhos enlaçados

enlaçam o céu.

Abóbada de musgo,

palácio sem portas nem final.

Carvalhos enlaçados,

esperando o beijo

húmido das gotas.

A catedral quer voar

Sentado à beira do eucalipto, olho as asas abertas do enorme paxaro. O paxaro de musgo e de cera abre as asas pra voar, mas fica preso na terra. Preso pra sempre ficou o paxaro, coas asas na pedra querendo voar.

Banho com anjos

Numa ruela escura caminhava, meus pés pisavam as sombras, as pedras perseguiam os meus passos. E o eco do templo abriu-se na noite, as portas pechadas dos santuários abriram-se em silêncio. Então escutei de novo a voz virgem e ténue que manava do rio pétreo, essa corrente do empedrado chegando até às meixelas das fontes, subindo até aos cabelos dos arcos. Numa ruela escura caminhava, e vi de novo a banharem-se os anjos, e banhei-me de novo com eles.

Derrota do guarda-chuva

Coa vela rota avanço no espaço da pedra e da água, açoutado pelo vento, ferido de gotas e de passos. Caem o mastro e a vela no escuro remoinho das águas, e agora vejo o reflexo da candeia acesa por cima das lágrimas. Sigo enfeitiçado e despido a rota do lume mágico, recebendo nos lábios a força impetuosa das vagas, baixando e erguendo as pálpebras molhadas, até chegar à ilha longínqua do arco iluminado, o exíguo arco pétreo que foge das rochas, doce refúgio dos náufragos.

Luar em Compostela

No templo de pedra aberto ao luar, nas longas noites à espera das estrelas, quando as nuvens invasoras afastavam as suas lanças, eu caminhava contemplando os arcos e os telhados. Nesse intre o luar penetrava no corpo da donzela, despida na noite recebia agarimosa a cópula celeste. Desciam então as estrelas, arredor do pó da água dos candeeiros dançavam como borboletas húmidas. No templo de pedra aberto ao luar vejo a donzela despida, alouminhada polas asas das estrelas, como beija loucamente os lábios da lua.

Sombra errante

A sombra caminha pelos vales da luz, entre os carreiros de pedra as suas asas pesadas arrastam a sua cauda. É uma bandeira sem mastro, perdida no vento do eco dos passos, caída no rio silente das lajes, condenada à volta eterna das ruas, molhada na soidade fecunda da noite. A sombra caminha pelos vales da luz, pelas penínsulas das estrelas, pelos caminhos dos arcos abertos. Condenada à volta eterna das ruas, molhada na soidade fecunda da noite.

Passeio

Os olhos no teito debuxam o carreiro das estrelas, os passos afundem as suas âncoras profundas na praia das pedras. Lâmpadas celestes viajam polas sombras, e os raios deambulam à beira das portas, agarimam o rosto húmido das lágrimas da chuva. A cinza das nuvens cai docemente no espelho invisível, esbara polas colunas vivas, urnas estremecendo-se em cada ruga da pel´. Os olhos no teito descobrem os planetas do silêncio, a virar namorados dos telhados e dos arcos, abraçando-se ao pescoço despido das gárgulas. No final do doce labirinto, a fonte molha os olhos na sua água, a cinza das nuvens percorre os cabelos, e as estrelas esperam o vento da noite.

Apelo das fontes

Fontes esperando na chuva,

entre as gotas os cavalos

dançam a dança das sombras.

Escadas de fume ao lombo das nuvens,

sobe o relógio de pedra voando na cinza.

Entre as gotas os cavalos

dançam a dança das sombras.

Rio das igrejas

Navegava no rio das igrejas, pequena barca assulagada entre o incenso dos sinos. O cheiro sagrado misturava as suas preces na face das gotas, e a barca mexia-se, batendo com força nas portas. Navegava no rio das igrejas, molhando o corpo na água bendita, derramada do alto duma pia.

Templos

Templos escondidos,
nos recantos duma sombra áerea,
na altura duma janela.

Nesses templos aninham
as cantigas das pombas,
as preces da chuva.

As gotas oram ocultas,
as asas cantam as horas.

Entram os olhos nos templos,
desde as escadas de pedra.

Templos escondidos,
nos recantos duma sombra áerea,
na altura duma janela.

Amigo das sombras

Sombras vivas perseguem silêncios,
beijando na pedra peitos mudos,
ascendendo no fume das estrelas.

Sombras vivas sobem telhados abertos,
fundindo as costas no planeta preto,
voando doces sob o luar.

Sombras vivas erguem meu corpo,
dou passos no ar como a pomba,
vou feliz caminhando.

A espera

Compostela da espera.
Pousa-se a água nas pedras,
gotas de pó voando libertas.

Cai a cinza nos telhados,
molham as asas as pombas.

As sombras descem à rua,
afogam os passos no abismo.

Fecham-se as portas do céu,
cavalgam todos os cavalos pretos.

Dentro do templo ficamos,
a esperar pola chave
que possa abrir o tempo.

Pousa-se a água nas pedras,

gotas de pó voando libertas.

Compostela da espera.

Na abóbada

As telhas molhadas e o silêncio,

na saída do templo, perto do húmido arco,

o pó das estrelas cai no espaço,

iluminado pelo lume das línguas,

desce voando como neve virgem,

cola-se na erva das pedras,

beija o corpo quente e nu,

o cálido ventre do tempo.

Pássaros de ar e de vento

tocam meus cabelos,

piam versos despidos,

versos dos séculos nos meus ouvidos.

As velas dalgum navio

erguem suas folhas no horizonte,

tocam coas suas polas a praia branca do luar.

Peixes de luz nadam nas janelas,
bebendo as gotas de pó
que as estrelas deitam das suas ânforas.

O deus do silêncio e do tempo,
alada criatura das nuvens,
suspende o seu voo entre as ruas,
olhando os meus olhos na chuva.

Membros nus sustêm as ruas,
músculos divinos entre a madeira das pedras.

Nas suas asas me esconde,
abóbada de seda e de orvalho.

Sou como as telhas molhadas,
tenho pó que as estrelas
enviam das suas ânforas.

Rua de Caríbdis

Navegando perdido,
sem estrelas nem lua,
na nau assulagada do dia,
na poeira da cinza celeste,
nas ondas ergueitas de pedra,
o leme esfarelado, a bússola desfeita.

Os gigantes amostram suas cavernas,
as sólidas mós das arquivoltas,
o rosto molhado de Caríbdis.

Sou o cativo das gotas,
nas húmidas reixas eu moro,
termando dos ocos no vento,
remando na cela das horas.

Ó pátria da terra longínqua!,
muito além da maré das ruas,
lá onde as luzes dissipam a sua dança.

Sou o cativo das gotas,

nas húmidas reixas eu moro,

na gruta molhada de Caríbdis,

termando dos ocos no vento,

remando na cela das horas.

Ânima da Quintã

Sou a ânima que passa,
vagando na húmida praça.

Olho os espelhos na pedra,
escuto as preces da água.

Sumiu-se nas nuvens meu corpo,
flutuo da chuva nas gotas.

Caminho no ar como a pomba,
molhando da alma o pescoço.

Escadas alvisco entre a cinza,
soergo o espírito de longe.

Sou a ânima elevada,
abro as reixas das seladas janelas,
vagando na húmida praça.

Arte da chuva

Ténue maná celeste,
alimento da boca das pedras.

Medram os cavalos húmidos,
trotando em dondos espelhos.

Cavalos alados no templo,
carreiros de luz caem do céu.

A língua sábia dos muros,
recolhe a seiva dourada.

Correm os animais pétreos,
no cristal esfarelados.

Lenes sem ginete os corpos,
brilhando na terra nascem.

Medram os cavalos húmidos,

trotando em dondos espelhos.

Na casa das Crechas

Molhados papéis,

tirados dos bolsos.

Baixava as escadas,

ao soto de pedra.

Lareira sem vento,

enxoito telhado.

Caneta na mão,

nos lábios cerveja.

Versos sem rumo,

coitado poeta.

Vermelhos beiços,

sangue na sombra.

Água na tinta,

escuma sem corpo.

Espreitam uns olhos,

longe do copo.

Peitos despidos,

luz do luar.

Harpa da chuva,

chovendo lá fora.

Bodega das deusas,

vinho sem tempo.

Inferno

Na sombra da rua,
o lume queima os corpos.

Igreja das Ânimas,
inferno dos mortos
nos olhos dos vivos.

Não se apagam as lapas,
nas gotas da chuva.

Inferno perpétuo
ardendo em Compostela.

Parou o tempo na pedra,
congelaram-se os lamentos.

Gravaram gritos e choros,
esculpiram para os séculos
seu suplício dos condenados.

Só um instante de riso,

e desaparece o inferno,

abrem-se as portas do paraíso.

Gravaram o inferno pétreo,

esculpiram para os séculos

seu suplício dos condenados.

CANTIGAS DOS CARREIROS LIVRES

CANTOS DA TERRA

Saudade da saudade

A nossa pátria foi roubada,

numa noite sem luar.

Entraram na lareira

e levaram-na longe,

longe do lume e do lar.

Levaram-na à escola,

aprender o que era Espanha.

Cumpre esquecer a saudade,

os mortos dos nossos mortos,

as velhas cantigas

que um trovador cantou.

E nunca mais voltou.

Entraram na lareira

e levaram-na longe,

longe do lume e do lar.

Conjuro

Na sombra do céu,
na cinza do vento,
brande o sacho o labrego.

Das trevas da terra
arranca a dourada luz.
Luz para escorrentar
as trevas.
Luz mais forte
do que a luz do sol.

O lombo é um arco incendiado,
ardendo na entranha do rego.
Luz para escorrentar
as trevas.
Luz mais forte
do que a luz do sol.

Ela

A Ana Arca

No escuro torrão estava a fame,
rabunhando as trevas do estômago.

No porto estavam as lágrimas,
molhando quentes o corpo das malas.

Mas alguém ficava,
alguém ficava
para secar as lágrimas.

A velha avó ficava na casa.

Ela secou as lágrimas,
ela beijou as pálpebras.

Ela abriu o céu
para mostrar as estrelas.

Alguém ficava

para assinalar a volta.

Alguém ficava

para impedir a derrota,

alguém ficava para lutar

e para ensinar a luta.

Alguém ficava na casa

para erguer o futuro.

Ela secou as lágrimas.

Ela beijou as pálpebras.

Ela abriu o céu

para mostrar as estrelas.

Numa velha aldeia

Pinga pingueira,

em Santa Cristina,

em Santa Cristina de Vea.

Pinga pingueira

na água do rio,

em Santa Cristina,

em Santa Cristina de Vea.

Pinga pingueira

na velha aldeia,

em Santa Cristina,

em Santa Cristina de Vea.

Pinga pingueira,

na procura da terra,

pinga pingueira,

enquanto tu pingas

racha a cadeia,

em Santa Cristina,

em Santa Cristina de Vea.

Pinga pingueira

na procura da Terra,

em Santa Cristina,

em Santa Cristina de Vea.

Viagem do pegureiro

Entre a névoa do orvalho
vai surdindo o pegureiro,
ao longe de vara na mão,
termando da corda,
coa vaca caminho da casa.

Entre a névoa do orvalho
vai voltando o pegureiro,
vai o seu corpo achegando,
e uma vaca vai nascendo,
uns cornos vão-se amostrando.

Pegureiro no carreiro,
perto dos meus olhos te vejo,
vaca, corda, vara e corpo são perfeitos
entre a névoa deste orvalho.

Pegureiro no carreiro,

ilustre dono desta Terra,

guia a vaca pola corda,

não soltes nunca a tua vara,

cumpre chegar à corte

antes que a noite governe.

Pegureiro no carreiro,

perto dos meus olhos te vejo,

hás de guiar a vaca pola corda,

não soltarás nunca a tua vara,

hás de chegar à corte

antes que a noite governe,

ilustre dono desta Terra.

Um bico

Só quero um escano velho,

onde sentar verão e inverno.

Lume pra me quentar,

comida a ferver no pote.

E o que mais quero no mundo,

um bico da minha amada.

Canto da lentura

Nas grávidas nuvens
esperam os rios.

Descem cascatas
na pele das vagas,
baixam regatos
ao ninho das ervas.

Canta a lentura
por baixo da terra.

Em velozes navios
navegam as gotas.

Sulcando carvalhos,
sulcando carreiros,
pétalas de rosa.

Cantam as fontes
ao pé dos valados.

Na pele das vagas,
no ninho das ervas,
descem cascatas,
baixam regatos.

Canta a lentura
por baixo da terra.

Morreu o galo

Emudeceu o galo,
vieram as horas com seu ponteiro,
emudeceu a manhã
no tiquetaque do relógio.

Chegou à aldeia o capataz,
o anjo branco do progresso,
cortar co seu ponteiro afiado
as brandas gorjas dos bezerros.

E sob a folha aguçada do tempo,
os pescoços labregos calaram,
emudeceu o galo,
emudeceu a manhã
no tiquetaque do relógio.

Chegou à aldeia o capataz,
o anjo branco do progresso.

Duas vacas

Ao Afonso

Duas ou três vacas

tinham meus avós.

Taravelos nas cortes,

cordas nas mãos.

Havia leite no caldeiro,

bezerras dentro nascendo.

Duas ou três vacas

pascendo os prados.

Duas ou três vacas

em cada casa.

Isso bastava.

Duas ou três vacas

em cada casa,

o calor das cortes

subindo polas tábuas.

Sim, isso bastava.

E a profunda sabedoria

morando em cada alma.

Música na corredoira

Entre carvalhos e silvas,

as vacas passavam,

um neno afalava.

Vaca bê...!

No orvalho da tarde,

entre gotas e paxaros,

caminho da casa,

um neno assobiava.

Vaca bê...!

Na cinza celeste,

entre o fume da névoa,

some-se a vara do neno,

somem-se os cornos das vacas.

Vaca bê...!

Só fica o assobio,

livre entre as sombras,

borboleta no lusco e fusco,

doce música da corredoira.

Erva

Erva que medras,
calada nas horas,
enchendo a terra
cos teus cabelos.

Fala-me agora,
calada nas horas,
ao pé dos caminhos,
à beira dos rios.

Baleira o caldeiro,
a erva falou.
Lá vem companheiro
Lá vem seu abraço

Erva que medras,
calada nas horas,
enchendo a terra
cos teus cabelos.

Verão

À sombra dos carvalhos,
deitados os homens dormiam.

As brancas nuvens passavam,
cantavam ocultos os grilos.

Donos dos carreiros,
ginetes do céu.

À sombra dos carvalhos,
deitados os homens dormiam.

Donos dos carreiros,
ginetes do céu,
dormindo nas brandas ervas
da Mãe Galiza.

Presas durante o dia,

as mãos unidas,

voando coas borboletas.

Língua da aixada

As aixadas e os sachos,

procuram a terra,

mas não a encontram.

A terra foge,

a terra é escrava.

Quando as suas línguas

ditarem as leis,

a terra livre

dará o seu fruto.

Mas a terra foge,

a terra é escrava.

Sangue labrego

Sacho e aixada,

arados e bois.

Foucinhos e carros,

galhetas e angaços.

Porcos na corte,

vacas no prado.

Assobiar da gadanha,

pedra no corno.

Medram morteiros,

as espigas de milho.

Medra o centeio,

medra o trigo.

Cantam os passarinhos.

Neto de labregos,

labregos de avós labregos,

avós labregos de avós labregos.

Não acho

para vós palavras,

porque fizestes morada

onde não chega a poesia.

Sodes a saudade,

onde já não reinam

as sombras da língua.

Sodes a verdade,

onde nenhum eco ressoa.

Sodes o futuro,

onde o silêncio se escuta.

Ainda dos séculos livres

somos herdeiros,

somos a saudade

onde já não reinam

as sombras da língua.

Somos a verdade,

onde nenhum eco ressoa.

Somos o futuro,

onde o silêncio se escuta.

CANTOS PATRIÓTICOS

Canga e guilhada

Não nasci para a ponta da guilhada,
para a canga do carro familiar:
você é galego e tem de puxar.

Eu voltei o olhar cara o céu anuviado,
e não reconheci a falsa voz da verdade.

Só na cinza das nuvens
descobri as palavras certas,
só no rocio das ervas percebi
o cheiro da realidade.

Nas vozes veneráveis dos avós

achei todas as leis,

nos cornos admiráveis das vacas

li os pergaminhos mais sagrados.

Não ousei baixar o lombo prà jugada,

bendisse assim humildemente os avós dos meus avós

coa água pura da montanha,

e co corpo ergueito olhei a estrela no carvalho,

o carreiro certo até à gotas brancas do Oceano.

Nasci para queimar a canga e a guilhada.

Hino galego

A verdade que eu conto, nua e pura,
vence toda grandíloqua escritura
Os Lusíadas V89, 7-8

Lá vai o pobre labrego
fazer a gaita de buxo.

Já vão os socos soando,
lá vai o pobre Galego lavrar
pacientemente a madeira.

Por esses buracos todos
sairá o lume da lareira.

Lume quente de liberdade,
luar derretido na estrela.

A cousa que mais amo,
é a língua desta palheta

Língua que fala a Verdade,
a sua palavra é ser livres
Não há rei que mande nela

Algum dia esta palheta

há de mandar na nossa Terra

Lá vai o pobre labrego

fazer a gaita de buxo.

Já vão os socos soando,

lá vai o pobre Galego lavrar

pacientemente a madeira.

Aira nova

O homem da aira voava,

erguia o malho e os pés

não tocavam a terra.

Não quero senhor deputado,

não quero senhores bancos,

pensava ao baixar o malho.

Só quero o fruto do trigo

que salta destes meus braços

Só quero que os filhos dos netos

numa aira nova malhem o trigo novo

A lei do carvalho

Uno-me às vozes que agora tremem
entre o vento dos séculos.

Tremendo falam da Nova Terra,
onde os carvalhos e os homens são livres.

Vira o vento a seu contrário,
fala a água de todas as fontes,
deteve-se a espuma branca do Oceano.

Uno-me às vozes que agora racham
a falsa Bíblia da mentira.

Na Terra das carvalheiras
só manda a Lei do Carvalho.

Vira o vento a seu contrário,
fala a água de todas as fontes,
deteve-se a espuma branca do Oceano.

Uno-me às vozes que agora tremem

entre o vento dos séculos.

Na Terra das carvalheiras

só manda a Lei do Carvalho.

Duas candeias acesas

Duas candeias acesas no meio da noite, numa aldeia longínqua da velha Galiza. Arde a cera na antiga casa, enquanto nas cortes bufam as vacas. Só duas candeias são necessárias, luz das candeias alumiando séculos, luz das candeias alumiando a liberdade.

Terra da fraternidade

Sob o jugo da Espanha,

resiste ainda o Povo Antigo.

Rodas de carvalho,

ferro nos caminhos.

Malas esperando,

fume no destino.

Lágrimas que ardem

nos olhos limpos dum neno.

Sob o jugo da Espanha,

resiste ainda o Povo Antigo.

Vozes ancestrais

proclamam a Terra Livre.

Rejeitam a nova lei,

tecem juntas a velha bandeira da liberdade.

Voltam ao Fim da Terra

para erguer a bandeira dos homens livres.

Vozes antigas

para cantar o futuro.

E o futuro é a Galiza,

terra da fraternidade.

Espírito livre

que seca as bágoas dum neno.

Quebra o jugo da Espanha

no pescoço invicto do Povo Antigo.

Andorinha

Ao Joám Evans
e ao Partido da Terra

A Galiza não nasceu
para manter Parlamento.

Nasceu para beber nas fontes
a água pura que corre livre,
nasceu para respirar a alma profunda do mar,
no Fim da Terra a Terra nasceu sem cadeias.

Nasceu para fundir o olhar no luar
e os ouvidos nas cantigas dos grilos,
nasceu para escutar os trovadores
das noites de verão.

A Galiza não nasceu para manter Estado,
não nasceu para o tirano.

Nasceu para entrar
no santuário das carvalheiras,
ao som da gaita de buxo.

Nasceu para ser andorinha

a voar entre os valados,

peito branco aberto ao vento,

asas despregadas.

A Galiza nasceu

pra se governar,

não pra ser governada.

Peito

A Terra precisa do teu peito.

Peito indómito

cavalgando no vento.

Peito indomável

forjando carreiros.

Peito libérrimo

dos ancestrais.

Peito do velho

carrejando imenso

a erva seca prò palhar.

.

A Terra precisa do teu peito.

Bandeira

Bandeira da liberdade,

ergueita por cada pola.

Todas as polas juntas

termam da mesma folhagem.

Sombra fundida na terra,

sombra fecunda na aldeia.

Bandeira da liberdade,

ergueita por cada pola.

Sombra do velho carvalho

enchendo uma aira nova.

Todas as polas juntas

termam da mesma folhagem.

Sombra fundida na terra,

sombra fecunda na aldeia.

Uma aira e um carvalho,

altas as polas unidas,

larga a sombra percorrida.

Bandeira da minha pátria,

erva livre abrigada na sombra.

Bandeira da liberdade,

ergueita por cada pola.

O estandarte

Era um velho estandarte,
alá onde acabava a Terra.

Estandarte do mar e do carvalho,
do leão ergueito e da cruz,
muito antes do ruído das máquinas.

Era um velho estandarte,
onde os homens aravam livres,
onde os galos cantavam livres,
a espada rota de Roma,
muito antes do horário das fábricas.

Estandarte da lei não escrita,
da terra partilhada entre as mãos,
do mesmo sol para todos.

Era um velho estandarte de irmãos,
alá onde acabava a Terra.

Vibrações patrióticas

Vibrações patrióticas
emanam das raízes da Terra,
unem-se na superfície das fontes,
dançam nas gotas do Atlântico.

Vibrações patrióticas
em cada gota de orvalho
pousada nas ervas,
ascendendo como planetas
em cada cruz do celeiro,
piando como pássaros ígneos
em cada pola dos carvalhos.

Vibrações patrióticas
saúdam os meus passos,
lume ardendo num arrecendo de rosas,
vozes libertadas cantando juntas
no mesmo agora.

Vibrações patrióticas

emanam das raízes da Terra,

profundas e imensas

chegam aos meus olhos,

fundindo as minhas pálpebras

na corrente da sua luz.

Milagre da pátria

Ó Pátria,

tocas a fonte seca

e aginha mana a sua água.

És o milagre invencível,

és o alimento da alma.

Ó Pátria,

tocas a fronte dormida

e despertam as estátuas.

És o milagre invencível,

és o alimento da alma.

Ó Pátria,

o nada troca-se em tudo,

tocas a fonte seca

e aginha mana a sua água.

Aldeia

Entrar quero numa vila
onde cantarmos unidos
as nossas velhas cantigas.

Cantigas do bisavô
sempre vivas,
pano das gerações
que arriba ao porto,
vento poderoso da liberdade
soprado por mil corações muito antes.

Entrar quero numa aldeia
chamada Galiza,
onde as mãos voem
ao encontro das mãos,
onde a bandeira sejam
os abraços.

Regressa aquele velho barco,

perdido na névoa.

Regressam os cativos

à carvalheira.

Em duas ervas libertadas

secam todas as lágrimas,

as infinitas lágrimas.

Entrar quero numa aldeia

chamada Galiza.

Ilustres devanceiros

Ao Carlos Calvo,
o nosso raio de luar

Suando na seitura,

debulhando o milho coas mãos nuas,

arando os campos,

guiando um carro cheio de tojos,

lavrando passeninhamente

uma gaita de buxo.

Cruzando o Minho numa barca,

vendimando nas muras

co gume duma navalha,

erguendo a folha do rodo,

deitando a espuma do vinho coa jerra,

ajoelhando-se oferecidos nalguma romaria.

Bailando cos braços ceives,

lavando as tripas do porco

na água pura do rio,

malhando o pão numa aira,

molhando numa feira

o pão no azeite do polvo,

aturujando livres perto da pel´ dum pandeiro.

Sementando ao chou entre os regos,

botando as redes ao ventre profundo das ondas,

munguindo a vaca na corte,

aquecendo as mãos frias ao lume duma lareira,

contando contos aos nenos

de lobos e de lostregos.

Ilustres devanceiros lutando pola Galiza,

expulsando tropas francesas,

ilustres devanceiros rachando o hino do monarca.

Cadaleito

Labregos de Padrom

pousaram as aixadas.

Trotam os cavalos

numa carruagem.

No cadaleito Rosália chora.

Ainda é o povo escravo.

Labregos de Padrom

pousaram as aixadas.

Cantos da dor,

cantos da pátria.

No cadaleito

Rosália chora.

Trotam os cavalos

numa carruagem.

Ainda o povo encadeado.

Na lareira

Os velhos falavam

ao pé da lareira.

Contos de lobos

e de mouras.

Falavam na escola,

choravam à volta.

Falavam nos barcos,

à beira do faro.

Falavam na vila,

no meio das ruas.

Falavam galego

as línguas dos velhos.

Falavam trisavós

ao pé da lareira.

Lume que prende na lenha,

chama que arde no peito.

Não apagarão a nossa voz.

Não, não apagarão a nossa voz.

O nome

Esta palavra que eu moro,
ergue o joelho dobrado.

Esta palavra que eu moro,
abre o caminho ensilvado.

Esta palavra que eu moro,
afronta o lobo no prado.

Esta palavra que eu moro,
não arreda o pé do sobrado.

Esta palavra que eu moro,
tem de castanho o faiado.

Esta palavra que eu moro,
funde na terra o cajado.

Esta palavra que eu moro,
terma do ferro do arado.

Esta palavra que eu moro,
defende na noite o ferrado.

Esta palavra que eu moro,
velha cantiga perdida.

Esta saudade que eu moro,
velha cantiga da vida,
terna coluna do peito.

Em ti moro de novo,
ergue o joelho dobrado,
abre o caminho ensilvado,
afronta o lobo no prado.

Em ti moro de novo,

e em mim o meu nome mora,

da liberdade estandarte,

galego fiquei para sempre.

Galego é o meu estandarte.

Carvalhos

Fundas raízes sustêm a terra,
fundas raízes regressam às eras.
Fértil paragem dos troncos ergueitos,
fértil devesa de polas cinzentas.

Tornar-nos carvalhos devemos,
longas raízes fundas na terra,
na tormenta mastro que não quebra,
no vento feroz sustemos um planeta
para que outros não caiam.

Fértil sombra projetada,
lar onde a alma se cura,
lar onde a alma se lava.

Tornar-nos carvalhos devemos,
longas raízes fundas na terra,
na tormenta mastro que não quebra,
na manhã lar onde os carvalhos medram.

Na cinza

O dia há de chegar
em que os nenos falarão
a sua própria língua.

O dia há de chegar
em que comam o polvo irmãos,
numa mesa de jantar,
côvado com côvado.

O dia há de chegar
em que saudade reinará,
em que igualdade virá
bendizer as mãos do povo.

O dia há de chegar
em que abeirarão as vacas,
em que os cornos puxarão
e saltarão os valados.

O dia há de chegar
em que a mentira morra,
em que a verdade boa
venha nos acordar.

O dia há de chegar
em que cantarmos juntos,
velhas cantigas novas,
numa garganta rouca,
louca de muito cantar.

O dia há de chegar
em que fica a liberdade,
molhada no lene orvalho;
coas horas nas nossas mãos,
berraremos um só berro:
Galiza, terra sem dono!

O dia há de chegar,

numa grande carvalheira,

o dia da nossa festa,

gaitas e vinho novo,

abraços até ao luar.

O dia há de chegar

em que a andorinha na cinza,

pousa o seu corpo no chão.

Sim, o dia há de chegar.

Choverá

Choverá nas montanhas,

no cabelo do Atlântico.

Choverá nos carvalhos.

Na pel´ dos valados.

Choverá nos telhados

dos hôrreos.

Choverá no corno

das vacas.

Choverá no caldeiro

da casa.

Na terra dos prados.

Choverá nos carvalhos.

Na pel´ dos valados.

Choverá e choverá

até sermos livres.

Choverá e choverá

em cada ferida.

Choverá e choverá

até sermos todos livres.

Harpa do Minho

Saudade que voltas,

envolta nas ondas,

cantiga salgada,

doce língua das águas,

das sombras e das ervas,

doce canto das carvalheiras,

fala das gaivotas,

nada nas ribeiras brancas do Minho.

Expulsa dos pinheiros e das fontes,

do brando berce de musgo e de chuva,

expulsa das praias de fina areia,

pela espada de Roma e de Castela.

Volta nas velhas cordas,

vento de trovadores,

barca de marinheiros,

muinheira de lavradores.

Foste pomba nas vagas,
voando longínqua em cada gota,
pousando em cada costa
a folha dos carvalhos.

Expulsa dos pinheiros e das fontes,
do brando berce de musgo e de chuva,
expulsa das praias de fina areia.

Doce língua das águas,
das sombras e das ervas,
doce canto das carvalheiras.

Volta nas novas gorjas,
vento da liberdade,
harpa profunda do irmão,
muinheira dos libertadores.

Luz para os cegos,

música para os surdos,

palavra que racha as escadas,

verbo que os homens pousa na terra,

caminho da verdade

e verdade no caminho.

Sempre te falarei

para que tu me fales,

saudade que voltas,

envolta nas ondas.

Nunca te negarei

para que tu me ames,

cantiga salgada,

doce língua das águas,

das sombras e das ervas,

doce canto das carvalheiras.

Harpa das nuvens do Minho,

onde não mora desprezo.

Sempre te falarei

para que tu me fales,

sempre te falarei para que voltes.

Voltarás,

porque ninguém a tua voz

pode domar,

paxaro livre cantando na pola,

voltarás aos pinheiros e às fontes,

voltarás ao brando berce

de musgo e de chuva,

voltarás às praias de fina areia.

Voltarás para quebrar a espada,

doce canto das carvalheiras,

fala das gaivotas,

nada nas ribeiras brancas do Minho.

Voltarás para quebrar a árida espada.

Saudade que voltas,

envolta nas ondas,

cantiga salgada,

doce língua das águas,

das sombras e das ervas.

Harpa das nuvens do Minho.

Canto enxebre

A coruja e o cuco,

a cigarra e o grilo.

A cigarra e o grilo,

a coruja e o cuco.

Só quero escutar fora

o coro sublime dos devanceiros,

e entrar numa casa humilde,

numa casa livre.

Kunta Kinte ou a verdade

Meijide.

Meixide.

Meijide.

Meixide.

Kunta Kinte

também berrava o seu nome,

e cada vez que dizia a verdade,

o chicote abria a sua pele.

Meijide.

Meixide.

Meijide.

Meixide.

Eu berrava o meu nome,

mas o chicote caía.

Era em Rianjo,

numa secretaria.

Nunca disse Meijide,

Meixide era a verdade.

Ave Fénix de espuma branca

Batem valentes as ondas do Oceano,

no silêncio das carvalheiras.

Ninguém escuta as suas vagas,

mas são a voz da saudade.

Estamos quase mortos,

esmorecidos.

Refúgio dos suevos,

foucinho antigo dos druidas,

terra dos arados livres,

onde as cantigas reinavam,

nas cordas dum trovador.

Quebrou a espada de Roma,

no estandarte do leão.

Quebrou a metade da lua
no centro mesmo da cruz.

Quebrou o cavalo francês
no duro ferro da aixada.

Quebram os Impérios,
na espuma do Fim da Terra.

Longe fica a maré,
e as vagas ficam sem pátria.

Estamos quase mortos,
esmorecidos.

Órfão ficou o mar,
teimosamente chama por nós.
Ninguém escuta as suas vagas,
mas são a voz da saudade.

Estamos quase mortos,

esmorecidos.

Batem valentes as ondas do Oceano,

teimosamente chamam por nós.

Só a espuma branca

nos pode salvar.

DIAS E NOITES NO FIM DA TERRA

DIAS E NOITES

Vozes da televisão

Lá estava a máscara da morte,
no reflexo lívido do ecrã.

Lá estava o pálido rosto do tirano,
lá estava a voz lúgubre das cadeias,
lá estava o assassino dos paxaros.

Lá estava o fume quente das armas,
lá estava todo o sangue dos exércitos.

Lá estava a máscara da morte,

falando e dominando,

sem escutar o som da minha voz,

sem olhar o brilho dos meus olhos.

Obrigado a ouvir

o hino triunfal dos Impérios,

obrigado a ouvir

a sinfonia horrenda da mentira.

Lá estava a máscara da morte,

matando a minha voz.

Lá estava o pálido rosto do tirano,

lá estava a minha luta,

lá estava o meu sentido,

lá estava a minha voz.

Apocalipse

Roubaram as horas,

no preto crespúsculo.

Lançaram os nenos

ao ventre das máquinas.

No leito dos rios

deitaram veneno.

Esparegeram o lixo

no templo do céu.

Co viscoso petróleo,

afogaram o ar,

semearam a terra,

fizeram moedas.

Queimaram as almas dos homens,

apagaram a voz de Deus.

Estraram os ossos dos animais,

esfarelaram os muros da aldeia.

Meteram no cadaleito da urna,

o exíguo cadáver da liberdade.

Roubaram as horas,

forjaram cadeias perfeitas.

No preto crepúsculo.

Queda de Ícaro

Quando Ícaro voou, o Sol esperou sua chegada. Derreteram-se então as asas do Império e Ícaro começou a descer. O Grande Império achava que era mais forte que o Sol, e voou mais alto que os outros Impérios. Agora está condenado a cair da máxima altura, está condenado a despedir-se do Sol, pássaro ferido batendo na Terra.

No Vesúvio

Nas ladeiras do Vesúvio
acampa um homem trácio.

O seu cadáver nunca será achado.

Nas ladeiras do Vesúvio
acampa Espártaco.

O seu cadáver nunca será achado,
entre todos os cadáveres.

Nas ladeiras do Vesúvio
acampam homens livres,
mas nas colinas de Roma
os escravos entram no Senado,
vestindo uma toga branca,
encadeados, encadeados, encadeados.

O seu cadáver nunca será achado.
As suas almas livres
nunca serão achadas.

Trovador

Ao trovador Mark Knopfler

Canta trovador,

canta coa tua doce voz.

Três dedos

nas cordas duma guitarra.

Canta trovador,

canta coa tua doce voz.

Três dedos despidos

dançam arredor da música.

Dobra-se o ferro,

bailam as musas.

Canta trovador,

canta coa tua doce voz.

Harpas medram na tua gorja,

nascem ninfas da tua guitarra.

Dobra-se o ferro,

bailam as musas.

Canta trovador,

canta coa tua doce voz

o claro papiro

que a tua pena namorou.

Tumba no bosque

Cena final
do filme Dersú Uzalá

O bosque calava
e Dersú também.

O capitão cravou
o cajato na terra.

Tumba sem nome
para o homem da taiga.

Na taiga não há lápidas,
só o espírito do bosque.

Cumprem muitas tumbas
para encontrar um homem.

Fora do chão

A Spud Webb,
j *jogador de basquete*

Deixaste o chão pra chegar,
e os planetas acordaram
na luz doutra manhã.

Sempre se pode chegar,
sempre há asas pra o paxaro,
se o paxaro quiser voar.

Deixaste o chão para sempre,
suspenso nas cordas do éter.

Não há altura suficiente
para a vontade dum homem.

Sempre se pode chegar,
sempre há asas pra o paxaro,
se o paxaro quiser voar.

Desterro

Nalgum carreiro perdido,
nalguma pedra perdida,
nalguma erva escondida,
mora a minha pátria.

Longe das bocas sem língua,
onde os homens ainda falam.

Nalguma casa perdida,
mora a minha pátria.

Onde se abre uma porta,
e as palavras correm.

Longe das bocas mudas,
do ouro morto do rei Midas.

Nalguma casa viva

mora a minha pátria,

para comer sempre

palavras novas de cada dia.

Papéis no vento

A Victoria Pazos

Poemas perdidos no tempo,
palavras que voltam voando,
pedaços de asas rotas,
gavetas que nunca existiram,
tinta perdida no espaço.

Buracos abertos na pele dos anos,
procura dos versos caídos,
vozes perdidas no Éden,
ecos de Eva e de Adão,
paraíso fértil sem regresso.

Papéis guardados no vento,
alma que lavra na pedra dos dias,
pombas que fogem na névoa feridas,
sangue escondido nas trevas,
frecha do caçador na sua presa.

Tinta perdida no espaço,

palavras que voltam voando,

memória de sílabas sem verso,

buracos abertos na pele dos anos,

papéis guardados no vento.

Números

Números rotos,
anacos de símbolos perdidos,
cadeias abertas do Império.

Máquinas feridas
que cercam o carvalho,
esquecida ferrugem,
motor sem alma esnaquizado.

Fogem os tiranos das nuvens,
desatam o corpo da chuva.

Caem os ministros alados,
condes de gaiolas humanas,
bandeiras escravas da morte.

Hino cego da academia,

canetas autómatos

esbarando em álcool branco,

no chão batem desfazendo a sua armadura.

Números rotos,

falsa álgebra rachada.

Outros números virão.

Os números da vida.

Vercingetórix

As armas no chão,

a Gália é romana.

A derrota de Alésia,

na mente do celta.

A vitória foi de César.

Qual espada cumpre,

para o poder de Roma?

Não há espada forjada,

para vencer as legiões.

Mas como lutar então,

pola liberdade da pátria?

As armas no chão,

a Gália é romana.

A derrota de Alésia,

na mente do celta.

Leito na terra

Ao meu pai

Dormem os nenos na terra,

sonhando coa cara da lua.

Jogam com cada sol-pôr,

olhando a neve nos cúmios.

Correm nos prados imensos,

banham a cara nos rios,

deitam-se nas estrelas.

Ao pé da lareira

escutam os contos do avô.

Sua casa chama-se *tepee*,

arte dos paus e da pele,

fume formoso do lar.

Sem paredes nem telhado,

terma da água e do vento,

torna o frio e o calor.

Os homens sábios um dia

queimaram os *tepees*,

a casa mais perfeita,

os inventores dos caminhos de ferro,

os que escrevem coa caneta e co papel.

Choraram os nenos,

laiaram-se as mulheres.

Ergueram-se os arranha-céus,

as grandes casas do progresso.

No templo da pobreza

e do dinheiro,

nasceram os novos nenos.

A cara da lua esvaiu-se,

os rios mudaram a cor,

o sol-pôr torna-se nódoa.

Fugiram as estrelas,

os prados foram ocultos.

Sua casa chamava-se *tepee*,

arte dos paus e da pele,

fume formoso do lar.

A pastora

Baixou do cavalo Teodósio,

uma rapariga cum cajado,

conduzia umas ovelhas.

Pararam as legiões,

e Teodósio perguntou:

Não são estas afastadas

terras o reino dos isaflenses?

A rapariga respondeu:

Não. Cá não temos rei,

cá governam as ovelhas

Teodósio calou e depois disse:

Leva-me ao palácio do teu senhor,

o rei Igmazen, e abandona essa insolência

Os nossos mapas são imprecisos,

e tu podes ajudar-nos

Já te disse que eu não

tenho senhor

Igmazen reina além do rio

Se não quiseres, morrerás

tu e as tuas ovelhas

Ninguém ousa desafiar

o poder de Roma

Roma é uma palavra

que não conheço

Roma é o governo do mundo,

e eu sou um enviado do amo do mundo,

o imperador Valentiniano

Então, cruza o rio,

retrucou a rapariga.

Talvez ali compreendam

as tuas palavras

Morrerás, disse Teodósio

tirando a espada da sua bainha,

e correndo ao encontro da rapariga.

A pastora virou-se sem medo,

e vendo a espada disse:

Tu também morrerás

Mas eu não temo a morte,

é por isso que não levo espada

Os olhos da rapariga

fitavam os olhos do general.

Se hoje me matares,

nunca esquecerás este crime,

nem o sangue que derramas

A luz daqueles olhos

entrou nos olhos de Teodósio,

o seu espírito acougou,

montou no seu cavalo,

e as legiões avançaram de novo,

cara o longínquo reino dos isaflenses,

para além do rio de que falara a pastora.

MISTÉRIOS DE AMOR

Oração

Confio em ti.

A tua companhia
senti na infância.

A tua companhia
sinto hoje.

Não pode haver
berço sem mãe,
não pode haver
pés sem sua terra.

Confio em ti.

Nesta dura viagem,

o comboio sempre chega.

Não nasceu o homem

para viajar sem destino.

Confio em ti,

e não sei como chamar-te.

Qualquer palavra

não é palavra para ti,

Amor, Deus, Verdade.

Só sei

que confio em ti,

e não sei como chamar-te.

Porta do amor

Então achas que o nosso amor pode morrer algum dia?, disse-lhe a amada ao amado.

Então o amado calou, e nesse silêncio começou a considerar a ideia de estar enganado, quiçá uma porta começava a abrir-se, uma porta iluminando uma estância em penumbra.

Estrelas na terra

À minha Moni

Se os teus olhos se pousam nos meus,

pousam-se as estrelas na terra.

Se os teus olhos se pousam nos meus,

comem as andorinhas nas nossas mãos.

Se os teus olhos se pousam nos meus,

escutamos o canto das ervas.

Se os teus olhos se pousam nos meus,

caminhamos por riba das águas.

Se os teus olhos se pousam nos meus,

pousam-se as estrelas na terra.

Fé

A palavra nasceu

para vencer a espada.

Nasceu a fé

para deter os exércitos.

Minúsculo pó da palavra,

no vasto Universo.

Não existe o silêncio

no confim das galáxias.

Água na procura da fonte,

vida na procura da vida.

Abraço

Aos meus filhos,
Roi e Artur

Os dous voávamos
ao encontro do abraço.

De braços abertos,
paxaros no céu.

Teu corpo de neno
em meu corpo apertei.

Meu corpo de pai
em teu corpo arrolaste.

Senhor, dá-nos hoje
o nosso abraço de cada dia.

Duas estrelas

Em teus peitos meus dedos,
lentamente viajando,
através de montanhas,
através dos oceanos.

Em tuas nádegas de neve
navega a minha boca,
derrete-se a esteira branca
nas velas do navio.

Em tua língua
minha língua cavalga,
ginete selvagem,
dono das húmidas grutas.

Em tua cova profunda
a minha luz penetra acesa,
facho alumiando o mistério.

Duas estrelas brilhando unidas.

Algures

Ao grande
Zeca Afonso

A garganta vibra do cantor,

lá dentro, do povo foge a alma.

Para o ar não cumprem mãos,

onde termar da incerteza.

Do lugar fora o microfone,

dos bolsos nas covas inimigos presos.

Para o ar não cumprem mãos,

onde termar da incerteza.

Do lugar fora

a garganta vibra do cantor,

lá dentro, do povo foge a alma,

cordas algures tensas onde ninguém sabe.

Despidos

Despidos cantamos
em fontes eternas,
molhados em águas mornas,
líquido das nuvens brancas do verão.

Cantigas de chuva branca,
banhando a sede dos corpos.

Procuram as bocas
o mel de cada palavra,
fruta que não apodrece,
luz que nunca se apaga.

Os pescoços viram juntos,
planetas de neve numa órbita húmida.

Perdem os olhos a aurora,
cegados pola música láctea,
ânimas vagando em cada gota.

Nadam as mãos
na cascata da chuva,
tocando a terra do Éden,
humedecendo os dedos
nos rios do paraíso.

Despidos cantamos,
respirando o aroma
do jardim dos beijos,
flor aberta do amanhecer
e do sol-pôr.

Cantamos unidos
acordes de Deus,
sussurro do ser
onde o tempo morre,
erva da alma que nasce.

Despidos cantamos
em fontes eternas.

Saudades

Saudade não é palavra,

saudade é a Terra.

Sussurro do Oceano,

sombra da carvalheira.

O neno na lareira,

água no pandeiro das telhas.

Saudade não é palavra,

saudade é o lar.

Voz perdida dos avós,

cheiro profundo da erva;

as estrelas e o luar.

Saudade não é palavra,

saudade é a liberdade.

Fazer coas horas grinaldas,
contas de flores formosas,
na mesma pátria de irmãos.

Saudade não é palavra,
saudade é agarimo.

Cantiga das sílabas molhadas,
regato claro da ternura,
risos e bágoas esparegidos no vento.

Saudade não é palavra,
saudade é canto de Deus.

Alma que reza ajoelhada,
mistério da sua própria voz.

Saudade não é palavra,
mas a palavra é saudade.

ÍNDICE

PAISAGENS

Praia Langosteira 20
Palavra de espuma 21
Atrás dela 23
O carvalho 26
Barqueiro de Rianjo 28
Namorada do Courel 29
Carvalheira de inverno na Estrada 31
Pés na areia 33
No Eirado da Lenha 34
Soutos de Castro Caldelas 36
Mar do Ferrol 37
Praça do galego 39
Faro de Hércules 40
Verão com estrelas em São João de Rio 41
Foucinhos 42
Soidade 44

NUMA PÁTRIA CERTA CHAMADA CHANTADA

CANTIGAS DE POUSADA

Natal 48
Abre-se a terra..... 49
Duas velhas pereiras 50
Acha que arde 51
Coro dos paxaros 52
O lar 54
Cada grão 55
Ao pé do hôrreo..... 57
Indo à erva 58
Na cuba..... 59
Fonte sem mácula 61
Voando..... 62
Doce muinheira 64
Auga pura..... 66
Arredor dum penedo..... 68
1901 69
Morcegos da noite 71
Na esfolha 72

No milagre 73
Vozes 74
Sorriso na névoa 75
Dedos no sal 77
Noite e dia 78
Patacas 79
Milagre nas palhas 80
Pousada 82

OUTRAS CANTIGAS

Cruzei-te, Minho 84
Longe da terra 86
Longe das silvas 89
De Bilbau a Chantada 91
Na festa 92
II 93
Mãos na erva 94
Rebúmbio da ribeira 95
Joám de Requeixo 97

VOLTANDO A COMPOSTELA

Noite eterna 99
Espada da catedral 100
Passeio da Alameda 102
A catedral quer voar 103
Banho com anjos 104
Derrota do guarda-chuva 105
Luar em Compostela 106
Sombra errante 107
Passeio 108
Apelo das fontes 109
Rio das igrejas 110
Templos 111
Amigo das sombras 112
A espera 113
Na abóbada 115
Rua de Caríbdis 117
Ânima da Quintã 119
Arte da chuva 120
Na casa das Crechas 122
Inferno 124

CANTIGAS DOS CARREIROS LIVRES

CANTOS DA TERRA

Saudade da saudade..... 126
Conjuro 128
Ela 129
Numa velha aldeia 131
Viagem do pegureiro..... 133
Um bico..... 135
Canto da lentura 136
Morreu o galo 138
Duas vacas..... 139
Música na corredoira 141
Erva 143
Verão 144
Língua da aixada 146
Sangue labrego 147

CANTOS PATRIÓTICOS

Canga e guilhada..... 150
Hino galego 152
Aira nova 154

A lei do carvalho 155
Duas candeias acesas 157
Terra da fraternidade 158
Andorinha..... 160
Peito..... 162
Bandeira..... 163
O estandarte..... 165
Vibrações patrióticas..... 166
Milagre da pátria..... 168
Aldeia 169
Ilustres devanceiros 171
Cadaleito 173
Na lareira..... 175
O nome 177
Carvalhos 180
Na cinza 181
Choverá 184
Harpa do Minho 186
Canto enxebre 191
Kunta Kinte ou a verdade..... 192
Ave Fénix de espuma branca..... 194

DIAS E NOITES NO FIM DA TERRA

DIAS E NOITES

Vozes da televisão 197
Apocalipse 199
Queda de Ícaro 201
No Vesúvio 202
Trovador 203
Tumba no bosque 205
Fora do chão 206
Desterro 207
Papéis no vento 209
Números 211
Vercingetórix 213
Leito na terra 214
A pastora 217

MISTÉRIOS DE AMOR

Oração 221
Porta do amor 223
Estrelas na terra 224
Fé 225

Abraço..... 226
Duas estrelas 227
Algures..... 228
Despidos 229
Saudades..... 231